

# O EXEMPLO

Anno I  
Director da redacção  
Arthur de Andrade  
ESCRITORIO  
Rua dos Andradas 247

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Porto Alegre Domingo 11 de Dezembro de 1892.

Editor gerente  
Marcilio Freitas  
ASSIGNATURAS  
Por mez. 500

N. 1

## „O Exemplo“

Surge hoje na vasta arena da imprensa *O Exemplo*, que, nascido de uma d'essas elevações do espirito, tão peculiares á mocidade, é lançado a os ven lavas da publicidade a impetrar o ultimo logar nos dominios do jornalismo da Capital.

— Diante d'essa especie de torpor, d'essa lethargia, d'esse marasmo intellectual em que, no nosso meio social, têm vivido espiritos aliás aproveitaveis, tivemos a justa aspiração de arrancal-os a essa indolencia moral, para que juntamente comnosco consagrassem uma parte de seus labores, posto que diminuta, á grandiosa empreitada do porvir e apreciação do presente.

Nos, moços que somos, temos slée de luz, de luz que espante ativamente as trevas de nosso horizonte e que, qual **estrella a guiar o caminheiro errante**, nos conduza illesos aos portos da Sciencia.

— O nosso programma é simples e podemos exaral-o em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos mediocres conhecimentos.

Na desempenho desse encargo não estacaremos ante qualquer eventualidade que porventura advenha, deante de qualquer obstaculo que surja a embargar-nos o passo, procurando banir de nosso espirito a idea de enaltecer a nossa classe.

Devemos mostrar á sociedade que tambem temos um cerebro que se desenvolve segun-

do o grau de estulo a que o sujeitemos e, por consequencia, que tambem nos podemos alistar nas cruzadas emprehen lidas pela intelligencia, muito embora algum estulto nos queira acóimar, ou seja porque desconheça as nossas legitimas aspirações, ou seja porque faça parte dos doutrinarios que julgam o homem pela cor da epiderme.

Esses, porém, não nos intimidam: são espiritos deletorios, caneros sociais que se desfazem por si e se confundem com as vulgaridades.

Aquelles não nos repellão porque comprehendem que a causa que abraçamos é santa, justa e natural e consentem que todo o homem tem o direito de pugnar pelos seus direitos postergados.

— E se é o fim principal para o qual foi creado *O Exemplo*.

E, se algum sciolo, arvorando-se em critico, nos vier estigmatizar com suas satyras mordazes, nem porisso havemos de abandonar o nosso posto de honra, porque, pedindo venia a seu aucto: « *os mestres não fazem a critica e os criticos, ordinariamente, não são os mestres.* »

A imprensa que nos acolha que os falsos Aristarchos não surgirão

Concordamos que a nossa tarefa seja por demais espinhosa; mas... é das trevas que se chega á luz, é da ignorancia que se vae á sciencia.

Para isso é mister, a par de aturado estudo, o concurso d'aquelles que, atreitos ás pugnas jornalisticas, têm já seu

nome firmado em tal certamente. — Alentados, pois pela esperança de que não nos falhará tal concurso, atiramo-nos, decididos, á lucta e veremos, que com o poderosissimo gladio que faz tremer o despota em seu throno, que abroga as leis iniquas, que leva ás mais remotas paragens o echo de suas vibrações e que ora empunhamos vacillantes, — si não conseguirmos o alevantamento da nossa classe, ao menos não a deixaremos fazer no pó do olvido, immersa em sua mediocridade.

A redacção.

A' imprensa porto-alegrense cumprimenta e pede um lugar em seu seio

O EXEMPLO

SÓ!

A\*\*\*

Imaginal um ninho abandonado  
Pela rolinha meiga e prase teira;  
— Um ninho de caricia onde fagueira  
Gozou a vida um par apaixonado...

Imaginal um tronco desgalhado  
Por uma rija brisa forasteira;  
E envolto n'uma velha e rota esteira,  
Imaginal um orphão despresado...

Tudo isso imaginal, minha senhora!...  
Mais só do que o ninho, o tronco e o orphão,  
Sem fé n'alguma jura promissora,

Sinto fanar meu pobre c. racão,  
Orphão d'um puro amor que tive outr'ora  
Sem ao menos amparal-o uma illusão!...

Porto Alegre

Hélio Silva

## Subiremos ou nos precipitaremos no abysm ?

Leitores, de ha muito que a nossa classe recente-se da falta de um periodico capaz de elogiar-lhe as virtudes e estygmatisar os vicios.

Parece, porém, que essa lacuna será preenchida pelo apparecimento do *Exemplo*; sinão no todo, pelo menos em parte.

Provada pois, a necessidade de nosso modesto organ, entramos em materia, com a epigraphé supracitada.

Lançando, leitor amigo, um olhar circumspectante para nossa sociedade nascente, ficamos admirados e constrangidos diante da corrupção que lhe invade o animo.

Nossas moças, modestas é verdade, não têm sabido (algumas) repellir com honra as intimitivas amorosas e vis que lhes têm sido feitas por seus falsos amantes.

A consequencia portanto é fatal e não se faz esperar.

E' assim que vemos aqui raptada A; allí violentada B; lá seduzida C; maisalém, illudida D; e assim numa serie de actos praticados sob a capa da amizade e promessas matrimoniaes, que enchem de pejo aquelles que não pôdem pactuar com esses indignos procedimentos.

Sendo esse estado de cousas apparentemente permanente em nosso meio, urge que contra empreguemos medidas decizivas, já para moralizar a classe, já para cicatrizar o cancro que se mostra incuravel.

Si as mães vellassem pela educação das filhas, si lhes ensinassem claramente o caminho do bem, por certo não veriamos tantos erros e não lamentariamos tantas desgraças.

A mór parte, os principaes elementos da classe, jaz ainda inculca em sua totalidade; razão porque corre-se a virtude e ampara-se o vicio.

Com o fim de fazer a luz nas trevas, limitamo nos por enquanto a aconselhar ás mães que incutam no animo filial o amor á religião christã, que procurem conhecer o bem e evitar o mal e numa palavra — cercar-se de bons costumes e fugir á que se não define cathegoricamente.

Assim pensando poderemos ascender no conceito publico e furtar nos do abysmo da corrupção latente em nossa classe.

Porto Alegre, 7—12—92.

NASCIMENTO.

## De novo

A FLORENCIO CALIXTO

A minha musa alegre e feiticeira,  
De frómas divinaes, esbelta franca,  
Audou pelos rosas

Agora tenho-a aqui na cabeceira,  
N'um modesto roupão de cassa branca,  
A dar-me madrigaes

A ausenc'a fez-lhe bem; está mudada  
E sadia que esta, candi a e hella  
A provocar amor!

Tem na cutis vestigios d'alvorada,  
Nos olhos, uma luz clara d'estrella,  
Nas faces tem rubor!

De chegada aei rou-me o pensamento,  
Deu-me rimas, abraços palmas, flores,  
Destruiu-me o torpor!

Por isso, eis-me de novo com alento;  
Tenho a lyra afinada em tom de amores  
P'ra cantar com valor.

A. SOUZA

## Alfinetadas

Não posso encetar esta secção sem que, antes de tudo, dirija cordiaes o amistosos sandações á todos que se dignarem tomar uma assignatura de modesto microbio «Exemplo», principalmente aquelles que pertencerem ao sexo das delicias, das graças e dos quindins. A ti, leitoras de olhares brejeiros e sorrisos maliciosos, que eu voto a maior somma de meus affectos, a mais elevadas das considerações.

Na verdade, gentili simas leitoras, é em vossos meios que eu hei de accommodar com mais frequencia as minhas alfinetadas, porque tenho certeza de estar ao abrigo da vossa incontestavel tolerancia e docilidade; quando muito de vós só poderá partir um olhar atravessado, uma *rabanada*, uma praga... porém isso de pragas... é pouco.

Com os marmanjos em pouco irei á missa. Nos tempos que correm toda gente que veste calça se tem por valentona e a unica lei que couhece é a do pau, e pau que piza.

Nada, deixemo-nos disso! Com tal cohorte pouca conversã; agora faz muito calor e acho que uma fatiota de madeira é por demais pezada.

Mas... que diabo! tambem nem tanto temor que é feio para quem tem cabellos na cara. Elles que não façam por onde, si o fizerem é contar conmigo; e como a cousa é meio ariscada en lhes irã atacando logo, não alfinetadas, porém o ferrão, e de rijo, porque se me metter em chovis-

queiro de pau é em retribuição ás ferroadas.

Ainda bem; feita a miuha timida e singela apresentação, vamos agora alfinetar qualquer cousa.

Por tua causa, leitoras, já mandei me benzer tres vezes. E sabes porque! porque ando com medo de ti; desconfio muito que entendes de *mandinga* e andas por ahi a guardar o rapazio folgazão, amantes do celibato, com mais facilidade do que se ingere uma dose de antipirina (de Santo Antonio).

Devéras, depois que o Heroniano e o Mario suicidaram-se, enforcando-se com a corda do matrimonio, ando assustado; receio que sem o esperar anoiteça com Deus e amanheça com o Diabo, isto é, que me deite molteiro e me levante casado.

Longe, talvez, não esteja o dia em que corra os quatro cantos da cidade, com surpresa geral, que o cidadão Décio amarron-se á inquebrantavel columna do hymenem; pois que são agora os casamentos realisados inesperadamente. E assim o digo porque esses bons amigos andavam tão nediños, frescos, sacudidos, que não davam a perceber que alimentavam a sinistra idéa do suicidio, quando sen, mais aquella nos veio surprehender essa nova.

Coitados! Tão moços ainda e já lá se foram para a valla dos inutilizados; porém tiveram uma pontinha de felicidade nesse desastre: logo de chegala ao novo mundo, onde vão habitar, foram presenteados com *ricas sogrinhas* para dar-lhes cafunés nas horas de ocio.

Está aqui a meu lado uma leitora despeitada a dizer que é bem feito que tenham sogras, que não lhes falte cabo de vassoura, para os amigos pagarem bem caro o muito que enganaram-na si e as suas congeneres.

Talvez tu não tenhas razão, leitora. Si elles te illudiram foi para satisfazer a sede que tu tens por um derriço.... En sei, tu gostas do namoro em penca e elles que são generosos...

Emfim, são homens mortos; a carga, digo, a terra que lhes seja leve.

Contaram-me muito em reserva que em breve teremos um punhado de *casorios*. O Fructuoso, o Marcelino do Hospicio, Meirelles Manéca, o Elentherio, Floren... C., o A. de Souza; finalmente, o nosso sexo está

roubado; os rapagões estão ficando todos envenenados.

Casem-se a vontade, mas, façam-me um favorzinho: quando realizarem a cousa deem caracter festivo, façam ruido e me convidem porque eu quero exhibir a minha velha companhia de infortunio, já ha muito tempo guardada, sem apanhar sol, perdendo a côr... E', tenham paciencia,—a minha casaca quer pagode. Não procedam como os outros.

Mas... onde vou eu com esta historia? embrenhei-me pelos casamentos, cacetei aos pacientes leitores e é bem possível que não tenha dito cousa que agradasse aos vossos paladares; mas, no proximo domingo, hei de vos regalar...

DÉCIO VITAL.

### A nossa festa

Hontem, antes da distribuição do nosso jornal, houve uma pequena festa.

Préviamente havia sido nomeada uma comissão para de algum modo festejar o apparecimento do nosso modesto orgão, a qual ficou composta dos nossos prestativos companheiros Camillo Laurindo, Sergio de Bittencourt e João Thimotheo.

Essa comissão houve-se satisfatoriamente, offerecendo-nos um primoroso copo d'agua.

Trocaram-se por essa occasião varios brindes.

## NOTAS

As pessoas que não quizerem, com o modesto obulo de 500 rs. por mez, ajudar-nos a custear a publicação do nosso pequeno jornal, de tão palpitante necessidade para o nosso meio social, devem devovel-o, sem snjal-o, ao escriptorio á rua dos Andradas n. 247.

A collaboração e toda e qualquer reclamação concernente á parte litteraria deve ser dirigida aos membros da comissão de redacção: A. Bittencourt Filho, S. Bittencourt, Arthur Andrade e Alfredo de Souza; e quanto a direcção material as reclamações devem ser feitas a Alfredo de Souza, na pharmacia da Santa Casa, a Marcilio Freitas, nas officinas da *Folha Nova* e a E. Calisto, á rua dos Andradas n. 247.

## PRESAGIOS

Dei a uma cigana conhecida,  
De tez já enrugada e triste porte,  
A missão de dizer-me nesta vida  
Qual seria o meu rumo, qual meu norte.

E' ella, a desgraçada, encanecida  
A ma'ia fatal de prever sorte,  
Começou por fitar-me, commovida,  
Por fitar-me um olhar frio, de morte.

Depois, olhou em roda: um livro vendo,  
Ligeira as duras folhas foi correndo,  
E me disse afinal em tom pesada:

Tu, pobre sonhador, semp e sonhando,  
Sem nunca ser amado sempre amando,  
D'amor has de morrer! — Eis o teu fado.

A. SOUZA

## Olympia Peres

No dia 9 realisou-se o baile mensal da sociedade *Olympia Peres*.

Dizem-nos que esteve animado.

## Festividades

Tiveram todo o esplendor as festas com que a devoção de N. S. da Conceição, erecta na matriz de N. S. do Rosario, solemnizou a sua padroeira no corrente anno.

Houve novenas, as quaes foram immensamente concorridas, festa no dia 8, com sermão ao Evangelho pelo provector orador sacro Rvd. padre Octaviano de Albuquerque, e á tarde *Te-Deum*.

Occupou o côro durante todos es ses actos a orchestra do habil professor Joaquim José da Rocha.

## A TUA CARTA

A... M. L.

Ao ler de tua carta o bello exordio  
Assim todo repleto d'euphemismo,  
Achei-o magistral! E vi que o odio  
A's vezes te transporta ao idiotismo.

Vi tambem que empregaste o estylo rhodio  
No começo e depois o laconismo  
Para dar-me o teu não grave e serodio  
E completar assim o teu cynismo!

Eu sinto não poder, como devia,  
Quero dizer, com toda a maestria  
Respondel-a, (pois temo a fiasqueira)

Porém, me sinto mais penalizado  
Por ver um papel caro desperdicado  
Com tanto pa'avrorio... e tanta asneira

A. JUNIOR

Dezembro 92

## Prevenção

(A Manoel Meirelles)

Toda a mocinha que diz:  
« Eu só amo quando quero,  
Por isto que o meu amor  
E' puro fiel sincero »

E outras cantigas taes.  
De amar uma só vez:  
Livra-te da esparrella  
Que tal amor, qual ovo endez  
Traz u'a ninhada de dez

Hélio Silva.

## OBITO

Baixou á sepultura no dia 4 do corrente D. Maria Rita Alvev. A finada era tia do cidadão Raineri de Moraes, a quem dirigimos pezames.

## PIC-NIC

Domingo ultimo, dia em que completou 52 annos o considerado cidadão Clemente d'Ossima, foi por este organizada uma festa campestre, á qual assistiram muitos de seus amigos com suas familias.

Ao retirarem-se, trouxeram todos grata recordação das gentilezas de que foram alvos, não só por parte d'Ossima como de sua exama familia.

No dia 13 completa 28 primaveras o nosso dedicado companheiro Esperidião alixto.

Apezar de novel, muito deve esta empresa a esse digno moço, que não tem poucado esforços para que seja coroada do mais feliz exito a nossa tentativa.

Sandamol-o, pois!

## Reunião Familiar

Consta-nos que no dia 17 se effectuará mais uma das magnificas *soirées* desta distincta sociedade, composta de dignas jovens.

## Reunião Operaria

Consta-nos que esta sociedade composta de caprichosas moças, dará a sua vigente segunda partida a 13.

## Estudo anatomico

O lente um feio velho carrancudo,  
Um velho, sabio, astuto e presumido,  
Cabeça branca, o ro to carcomido  
Talvez por sapiencia e muito estu lo;

Dissecava um cadaver mui carnudo,  
Pela put efacção entumecido :  
(Era uma sogra. O odio contrahido  
Tinha nas rugas do carão trombudo !)

Arenzava com toda a seriedade;  
E gritando : « ttenção não se galhofe,  
« Que encontro um caso raro n' verdade !

« Um caso que não é p'ra que se mofe; »  
O lente torna então com gravidade :  
— Diabo ! esta mulher não tinha hofe !  
Porto Alegre.

HELIO SILVA.

## PAULADAS

Aproveitando o ensejo favoravel  
que se me depara eom a publicação  
d'*O Exemplo*, para de algum modo  
dar o que fazer ao meu intellecto  
ponco cultivado, resolvi crear esta  
secção, que servirá para vergastar o  
procedimento irregular de alguns  
mocinhos da actualidade.

Está, pois, em poucas palavras ex-  
plicada a minha presença nas colu-  
mnas d'*O Exemplo*; portanto, a-  
bram-se, que lá vai pau em penca.

As leitoras, com certeza, foram ao  
baile da *União Operaria*.

Pois então vou principiar por ahi.  
Aquillo é que foi baile, esteve sim-  
plesmente bom : muita animação,  
moças á ufa e, finalmente, doce s ebe-  
bidas a valer !

Eis a razão por que eu gosto do  
Plinio ; elle, sendo director d'um  
baile, é só aquella *graixa* !

Por lá houve muito namoro, mui-  
to derrick ; o Sr. *Nandinho* tornou-  
se digno de levar uma paulada para  
outra vez não desprezar quem tanto  
o ama, com o fêz n'esse baile ; por  
ponco não tenho de noticiar um pû-  
gilato entre duas jovens ; se isto se  
dêsse seria feio, seria ridiculo.

Deixe-se de novas conquistas, con-  
tinue com o amor velho.

A leitora deve conhecer o Oscar,  
não ?

Então, não conhece aquelle rapaz  
alto, magro, de bonita catadura, que  
usa *pince-nez*, tem arês de doutor,  
mas que é typographo ?..

Pois se quizer cahir-lhe em gra-  
ça, é só offerecer-lhe uma rosa ; o

diabo do rapaz tem predilecção por  
essa flor ; seguidamente recebe rosas  
d'umas meninas que moram defron-  
te da officinas onde elle trabalha.

Estranhei a sua continua frequen-  
ciaás novenas; porém, maistarde sou-  
be que elle ia lá apenas para contem-  
plar as *rosas* que enfeitavam os alta-  
res.

Ah! ladrão ! Toma pau !

Já que fallei em novenas, vou em-  
purrar o pau nos taes marmanjos  
que em dia de festa invadem o cen-  
tro das egrejas, logar reservado ás  
senhoras, faltando elles assim aos  
mais rudimentares preceitos de civi-  
lidade.

Por essa razão vêm-se muitas de  
minhas gentis leitoras obrigadas, ou  
a retirar-se, ou a ficar em logar  
improprio.

Isto é simplesmente indecente !

Cohibam-se d'isto, ou empurrar  
lhes-ei opau.

Por hoje basta, leitoras, e eu peço-  
vos que façais votos para que não  
me saia o trunfo ás a vessas, isto  
é, que não me desanquem com al-  
camaçada de pau.

NHONHÔ

O dia 14 marca mais um anno  
de existencia para o nosso amigo  
Joaquim de Oliveira e Silva.

Nossos parabens !

## União Operaria

Sabemos que esteve esplendido o  
baile que esta sympathica sociedade  
realison segnuda-feira, 5 do corrente.

## Sessão

Amanhã, 12 do corrente, reuñem-  
se em sessão, no logar do costume,  
os membros da sociedade Estrella  
d'Alva para resolver sobre o baile  
de anniversario.

No dia 9 foi recolhido á cadeia ci-  
vil desta cidade o laborioso operario  
Alcibiades Emilio de Figueiredo.

Ignoramos os motivos.

O baile, que o Congresso Laço de  
Ouro realison a 7, esteve muito ani-  
mado.

## A manhã

O sol aurifulgente  
Nas gottas chrystallinas  
Das folhas das boninas  
Rebrilha de repente.

Alegre vai passando  
A suspirosa brisa  
Na fonte que deslisa  
Sosinha murmurando.

Perpassam borboletas  
Por entre as violetas  
Saudando o arrebol;

Das veigas e cerrados  
As aves seus trinados  
Enviaram para o sol !  
Porto Alegre.

C. RENAULT.

A 9 completou mais um anniver-  
sario a Exma. Sra. D. Maria Rita  
Leocadia da Silva, tia dos nossos  
amigos irmãos Calistos.

Completa hoje mais um anno de  
existencia o respeitavel cidadão Fran-  
cisco Augusto Guimarães, um dos  
operarios que mais honra faz á sua  
classe pelos seus largos conhecimen-  
tos e decidida applicação ao trabalho.  
Cumprimentamol-o.

## Charadas

Se um dos nossos companheiros  
não tivesse a lembrança de epigra-  
phar — Pauladas — a sua resenha,  
seria o titulo dar-se a essa secção;  
porque não ha maior paulada do que  
tu, linda leitora, leres uma tirada de  
ponta a ponta e embatucares diante  
de uma destas.

Vê bem como corre o funcionario  
1 — 2

Aqui vê o appellido de uma moça  
1 — 2

A arvore corre no matto 2 — 2

Na partida esta mulher é mulher  
2 — 2

A letra é o maior affecto 1 — 1

No oceano a lepra é mulher 1 — 2

Pára ! não é má para construcção  
1 — 2

No oceano e no monte está a mu-  
lher 1 — 3

— A quem primeiro nos enviar a  
solução de todas estas charadas dar-  
se-á um mimo — um romance, um  
livro de contos ligeiros ou poesias  
etc.